

O MÉTODO CIENTÍFICO NA PSICOLOGIA: ABORDAGEM QUALITATIVA E QUANTITATIVA

(2010)

Gisele Cristina Resende Fernandes da Silva

Psicóloga e mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Brasil

Email:

gisele.resendefs@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende analisar a metodologia de pesquisa na psicologia a partir de seus paradigmas científicos e de sua história, que remetem ao seu objeto de estudo: o ser humano, que durante a construção histórica da psicologia passou de um elemento estático para um elemento dinâmico e contextualizado. Assim a abordagem qualitativa e a quantitativa são distintas, mas complementares e capazes de traduzir o fenômeno estudado numa linguagem apropriada, apresentando-se úteis aos estudos em psicologia, apesar de sua diversidade.

Palavras-chave: História da psicologia, paradigmas científicos, abordagem qualitativa, abordagem quantitativa

Origem e Evolução Histórica da Psicologia

A Psicologia tem por volta de dois milênios no Ocidente e começou a ser pensada pelos gregos, antes de Cristo. Sua história é correlacionada às exigências do conhecimento da humanidade em cada momento histórico, de acordo com a realidade sócio-econômica e pela necessidade do homem compreender a si mesmo, como apontam Bock, Furtado e Teixeira (2008).

Os gregos em 700 a.C. eram uma sociedade evoluída e organizada nas *pólis* – cidades – e por isso buscavam o conhecimento e foi entre os filósofos gregos que surgiu a primeira tentativa de sistematizar uma psicologia.

O próprio termo vem do grego *psyché* que significa alma e *logos* que significa razão. Etimologicamente é “estudo da alma”, a alma era entendida como a parte imaterial do ser humano e abarcaria pensamentos, sentimentos de amor e ódio, irracionalidade, desejo, sensação e percepção.

Desde a antiguidade a preocupação era compreender a mente, e historicamente essa preocupação foi sendo construída através de formas de compreender o homem e estudá-lo, passando pelos períodos históricos.

O paradigma e o método científico usado pela Psicologia foram sendo modificados, como afirma Biasoli-Alves (apud Biasoli-Alves & Romanelli, 1998), pois inicialmente a Psicologia condicionada pela filosofia, definiu seu objeto de estudo como sendo a **consciência** – sua estrutura, funcionamento e associação de estímulo à resposta e mesmo trabalhando de forma experimental os dados eram obtidos pela introspecção, onde o sujeito relatava suas sensações, percepções e raciocínios.

Nos Estados Unidos surgiram os laboratórios de pesquisas e Wundt, no século XIX estrutura seus estudos no **comportamento** e com a experimentação e o uso de metodologia científica de base positivista esses estudos adquirem o status de ciência.

Com o passar do tempo, evidenciou-se a necessidade de **instrumentos** capazes de propiciar medidas confiáveis das habilidades humanas. Assim, no início do século XX esse pensamento foi representado pela psicométrica com seus testes de inteligência, surgiu uma nova área de pesquisa.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2008) o status de Psicologia como ciência foi obtido através desses estudos, pois se elaborou uma forma de investigação científica: objeto de estudo, delimitação do campo de estudo, método para estudar o objeto e teorias de conhecimento.

Em outros contextos, em meados do século XX, surgem trabalhos com **estratégias observacionais**, preferindo o meio natural para realizar os estudos, salientando a importância dos sujeitos na pesquisa. Esses estudos foram os **etológicos** e trouxeram a necessidade de ampliar as pesquisas para além dos laboratórios, negando o rigor de controle de variáveis e valorizando a observação e o ambiente natural (BIASOLI-ALVES apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998).

E nas últimas décadas do século XX, sob a influência de outras áreas do conhecimento: Sociologia, Educação, Antropologia e História, a Psicologia passa a conceber o seu objeto de estudo como o **homem, um ser histórico e social**.

Surge a necessidade de um método de pesquisa que pudesse abranger esse objeto com coletas de dados que permitissem a visualização do fenômeno e suas vinculações com o contexto em que o sujeito estivesse inserido, bem como com seus relacionamentos e percepções sobre a realidade.

Essa necessidade gerou uma crise paradigmática, na qual a postura positivista foi questionada, pois muitos estudiosos da psicologia argumentavam que a subjetividade humana havia sido excluída de estudos científicos.

A psicologia como um ramo da ciência

A Psicologia é conceituada como a ciência que estuda o comportamento e os processos mentais, isto é, os acontecimentos mentais, como por exemplo: atenção, memória, emoções (afetividade, sofrimento), como o ser humano reage, se comporta e vive essas situações da vida (sua interação com o mundo: a cultura e a sociedade). Está enquadrada na área das Ciências Humanas que são aquelas em que o homem é seu principal objeto de estudo.

Ela é considerada ciência, pois examina os processos psíquicos e comportamentais através de um método científico e não de suposições do senso comum (formada a partir de hábitos, tradições e observações não sistematizadas).

A concepção de ciência é aquela que delimita os fatos a investigar e estabelece procedimentos metodológicos para observação, investigação, constrói instrumentos para a pesquisa e esses procedimentos servem para que o objeto de estudo seja investigado com veracidade e cientificidade; assim é construído o conhecimento científico que descreve, compreende, prevê e controla, e posteriormente são feitas novas pesquisas a partir do conhecimento obtido.

De acordo com Biasoli-Alves (apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998) na psicologia, por razões históricas e ligadas ao seu reconhecimento como ciência as questões de método tornaram-se prioritárias, dessa forma ela adotou os métodos das ciências naturais e o paradigma positivista (em que os estudos só tinham validade se seguissem as exigências metodológicas: objetividade, definições sistemáticas, controle e manipulação de variáveis, análises estatísticas, busca de leis gerais). Paradigmas são marcos teóricos metodológicos de interpretação dos fenômenos adotados por pesquisadores.

Para Kuhn (1971 apud GIALDINO, 1993 citado por SILVA apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, op.cit. p.160) “Paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante certo tempo, proporcionam modelos de problemas e soluções a uma comunidade científica”.

De acordo com o paradigma científico é que se estabelece o método de cada ciência. Método científico pode ser definido como:

“uma maneira estruturada de fazer perguntas à natureza e obter respostas. Portanto, trabalhar cientificamente está condicionado a identificar as regras

que fazem parte da ‘maneira estruturada de fazer perguntas à natureza’ e criar as condições para cumpri-las” (BIASOLI-ALVES apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998 p.140).

Para Minayo e Sanches (1993) o conhecimento científico é uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica, o método é o ‘fio condutor’ para essa articulação. Quando há uma reavaliação dos métodos e reflexões geram crise de paradigmas.

A crise de paradigmas científicos questionou a validade dos métodos, principalmente os advindos da matemática, que estavam presentes nas pesquisas quantitativas. Esse novo paradigma surgiu para contrapor o modelo anterior calcado no método positivista de pesquisa, que fragmentava o homem e não o estudava em sua totalidade e nas interfaces de suas relações; desejou retomar a criatividade do saber científico.

O novo paradigma nas ciências humanas e sociais é caracterizado por ser relativista, integrador e contextual, além de valorizar a cultura, os contextos sociais e econômicos, como postulam Fleith e Costa Júnior (2005).

Porém a indagação principal não deveria ser a negação do valor do método quantitativo, mas o estudo e o acerto do método frente ao objeto de estudo e ao problema proposto na pesquisa.

Não existe uma estratégia de pesquisa boa ou ruim em si mesma, mas que seu valor depende da adequação entre o problema a ser estudado e a forma de abordá-lo no projeto de pesquisa. Os objetivos colocados nos estudos são o ‘fio condutor’ do raciocínio do pesquisador para posteriormente a escolha do método: qualitativo ou quantitativo.

Silva (apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998) coloca que a prática de pesquisa não deve ser alienada, o pesquisador precisa saber em que campo insere-se seu trabalho, que posição metodológica ele assume e isso depende de aspectos como:

- Sua visão filosófica de mundo e seu compromisso existencial;
- A escolha do fenômeno a ser estudado;
- A adoção ou elaboração de conceitos e teorias que acredita ou que supões que fundamenta a compreensão do fenômeno estudado;
- A determinação de estratégias de acesso à realidade (técnicas);
- O contexto social no qual o pesquisador encontra-se.

O pesquisador é o “editor: aquele que transforma o comportamento do sujeito em uma linguagem e em um sistema de registro...” (SILVA, op.cit. p. 142). O processo de edição é o de utilizar alguma técnica para recortar a realidade, pois a ação humana é um fluxo complexo e contínuo, nesse recorte da realidade o pesquisador traz suas vivências, conhecimentos,

pressupostos teóricos e adota os critérios de leitura e interpretação da realidade pesquisada e estes podem ser quantitativos e qualitativos.

Assim, quantificar ou qualificar é uma opção do pesquisador, que irá fazer uso de uma linguagem que responda ao tema e problema estudado.

Abordagem quantitativa

A abordagem quantitativa nasceu das ciências naturais e do positivismo que tinham como premissa o conhecimento da natureza através do método científico, que era capaz de controlar e manipular as variáveis que interferiam no objeto de estudo.

Dessa maneira o pesquisador era capaz de conhecer quando se afastava do objeto, tornando-se neutro e controlador e os dados colhidos eram analisados através de métodos e fórmulas matemáticos. O conhecimento produzido poderia ser generalizado a todas as situações empíricas semelhantes.

Para Biasoli-Alves (apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998) o **quantitativo** tradicionalmente é o observável, objetivo e mensurável, entretanto a mensuração na Psicologia vem calcada na abordagem conceitual do pesquisador, ela é uma das formas de expressar a realidade.

Uma pesquisa de metodologia quantitativa tem as seguintes características, segundo Günther (2006):

- Controle máximo sobre o contexto, inclusive produzindo ambientes artificiais com o objetivo de reduzir ou eliminar a interferência de variáveis interferentes e irrelevantes;
- O pesquisador interage com o objeto de estudo com neutralidade e objetividade (seus sentimentos e percepções não são relevantes);
- Crenças e valores pessoais não são considerados fontes de influência no processo de investigação científico;
- Os dados colhidos são analisados por uma linguagem matemática (as análises estatísticas e as teorias de probabilidade) para explicar os fenômenos.

Na pesquisa Quantitativa há uma análise dos dados em que a matemática é a linguagem utilizada para a interpretação dos resultados colhidos para fazer a correlação da realidade empírica com a teoria que embasa o estudo.

A linguagem matemática tem demonstrado segundo Minayo e Sanches (1993) ser capaz de descrever, representar ou interpretar a multidiversidade de seres vivos e suas inter-relações. As pesquisas quantitativas atuam em níveis de realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos observáveis.

Os estudos quantitativos precisam atender a critérios de cientificidade (advindos da tradição positivista de pesquisa): validade, confiabilidade, generalização e transferibilidade dos resultados.

Deve-se ter o cuidado ao usar a linguagem matemática, pois ela precisa estar adequada ao objeto de estudo, para que o fenômeno seja explicado adequadamente.

Na psicologia há diversos estudos que utilizam dessa abordagem para analisar seus dados, o que permite que os fenômenos estudados sejam visualizados, pois a linguagem matemática proporciona a visualização concreta dos elementos, sua incidência e a correlação dos eventos com a teoria psicológica.

Abordagem Qualitativa

A abordagem de natureza qualitativa surgiu da inquietação de cientistas que queriam alcançar a compreensão do homem como um sujeito social e contextualizado numa sociedade com história, valores, significados e intenções que constroem a subjetividade dos atos humanos, como afirma Silva (apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998).

A abordagem qualitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Ela aprofunda a complexidade de fenômenos, fatos e processos; passa pelo observável e vai além dele ao estabelecer inferências e atribuir significados ao comportamento.

De acordo com Minayo e Sanches (1993) ela procura aprofundar a compreensão de problemas, de pessoas e de relacionamentos, abrindo perspectivas para estudos posteriores.

Para Silva (op. cit), a pesquisa qualitativa apresenta as seguintes características:

- O investigador é o elemento principal;
- A investigação tende a ser mais descritiva;
- Há interesse pelo processo de coleta de dados, o que ocorre nele;
- Os investigadores analisam os dados de forma indutiva, correlacionando os dados à teoria embasadora;
- O significado é de importância vital para essa abordagem.

Seu material primordial é a palavra, como aponta Bakhtin (1986 apud MINAYO & SANCHES, op. cit.) são tecidas de material ideológico, servem de trama às relações sociais e indicam transições e transformações sociais. As palavras na fala transmitem a estrutura de valores, normas e símbolos, demonstrando representações históricas, sócio-econômicas e culturais.

A pesquisa Qualitativa deve ter um critério de validade e cientificidade que é pensada como reguladora da abstração e não sinônimo de modelos e normas rígidas. Para Granger (1982 apud

MINAYO & SANCHES, 1993) um modelo qualitativo descreve, compreende e explica a realidade estudada.

Assim, na psicologia essa abordagem é muito utilizada nas pesquisas porque permite a explicação de comportamentos, sentimentos e processos mentais relatados ao pesquisador, o que torna o seu objeto de estudo dinâmico e contextualizado.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa: Complementaridade

Para Silva (apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998) a relação entre o quantitativo e o qualitativo é complementar, isto é, o quantitativo se ocupa de ordens, grandezas e suas relações e o qualitativo formula um quadro de interpretações para medidas ou a compreensão para o que não é quantificável.

Günther (2006) afirma que não devemos colocar uma metodologia contra a outra, mas que deve ser aplicada aquela que esteja de acordo com os recursos materiais, temporais e pessoais, disponíveis ao pesquisador e correspondente a pergunta científica. Assim ele poderá usar uma abordagem teórico-metodológica que melhor contribua para a compreensão do fenômeno e para o avanço do bem estar social.

Minayo (1994 apud SILVA op.cit.) aponta que:

- As duas metodologias não são incompatíveis e podem integrar um mesmo projeto;
- A pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa;
- A investigação qualitativa é a que melhor se harmoniza ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos;
- O conhecimento social (quantitativo ou qualitativo) só é possível por recorte e aproximação;
- Toda redução e aproximação do fenômeno não podem perder de vista que o social é qualitativo e que o quantitativo é uma das formas de expressão;
- As abordagens qualitativas e quantitativas não se opõem, elas se complementam como teorias e métodos de análise e interpretação.

Silva (apud BIASOLI-ALVES & ROMANELLI, 1998) ressalta que:

- É necessário conhecer os paradigmas que embasam a prática do pesquisador;

- É necessário saber as visões filosóficas de mundo que embasam as pesquisas e suas formas de comprometimento social, para que a prática do pesquisador não seja alienada;
- A boa qualidade da pesquisa depende da congruência de seu desenvolvimento em relação à visão paradigmática que a fundamenta, e desta com as estratégias e análises adotadas;
- Existem critérios de qualidade e rigor metodológico em todos os paradigmas, é necessário que saiba segui-los e explicitá-los no trabalho;
- A oposição entre metodologia qualitativa e quantitativa é falsa, há oposição nos paradigmas que embasam as pesquisas;
- É necessário além do preparo metodológico para a implementação da pesquisa, o compromisso ético do pesquisador com as pessoas (sujeitos), instituições financiadoras e sociedade envolvida na investigação.

As abordagens Quantitativas e Qualitativas oferecem perspectivas diferentes, mas não são necessariamente pólos opostos. Os elementos de ambas as abordagens podem ser usados conjuntamente em estudos mistos, para fornecer mais informações do que poderia se utilizasse um dos métodos isoladamente.

CONCLUSÕES

Ao revisar a literatura sobre a história da psicologia e seu estabelecimento como ciência, percebemos que o caminho trilhado pela psicologia foi correlacionado com o paradigma das ciências nos séculos IX e XX, que se embasavam no positivismo e no rigor científico que postulava o objetivismo, a neutralidade na relação com os sujeitos na pesquisa e o extremo controle das variáveis nas situações empíricas.

Nas últimas décadas do século XX com os questionamentos sobre os paradigmas científicos, as ciências humanas e a psicologia adotaram uma abordagem que passou a enfatizar o homem como um ser histórico e social, assim começou a contextualizá-lo em suas pesquisas o que proporcionou a ampliação dos estudos do comportamento, do psiquismo, das relações e dos significados que o ser humano atribui às suas interações interpessoais e sociais.

Dessa maneira, há a reflexão sobre a metodologia de pesquisa e das abordagens quantitativas e qualitativas, que são relevantes nos estudos das ciências humanas e que enquanto metodologias possuem seu valor na forma de utilizá-las.

As abordagens utilizam uma linguagem e leitura da realidade diferente, apropriadas a concepção teórico-filosófica de homem e mundo. E as linguagens usadas como recurso na análise

de material pesquisado (análises de discursos, de conteúdos a partir de falas ou análises matemáticas) devem ser adequadas aos objetivos e procedimentos adotados na pesquisa.

As pesquisas quantitativas (questionadas em relação ao seu modelo teórico matemático no final do século XX) contribuem para a leitura da realidade social e histórica, e revelam dados que podem conduzir para investigações mais complexas de natureza qualitativa, não representando um modelo ultrapassado e sem valor.

E, as pesquisas que buscam a compreensão dos fenômenos humanos, as qualitativas, enfatizadas e valorizadas no novo paradigma científico, requerem atenção e cuidado na sua utilização para que respondam ao problema que se propõem estudar. Elas também precisam, muitas vezes, de dados concretos e objetivos fornecidos por pesquisas quantitativas.

Assim concluímos que essas abordagens são distintas em sua concepção e metodologia, que não são opostas e sim complementares nos estudos e na leitura e compreensão da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASOLI-ALVES, Z.M.M.(1998) *A Pesquisa em Psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico*. In: BIASOLI-ALVES, Z.M.M. & ROMANELLI, G. (Orgs.) *Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, pp.135-157.

BOCK, A.M.B., FURTADO, O. & TEIXEIRA, M.L.T. (2008) *Psicologias – uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, pp. 31-43.

FLEITH, D.S. & COSTA JÚNIOR, A.L. *Métodos de pesquisa em psicologia do desenvolvimento: o que é relevante considerar?* In: DESSEN, M.A. & COSTA JÚNIOR, A.L.(2005) *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais*, Porto Alegre: Artmed, pp.37- 49.

GÜNTHER, H.(2006). *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 22, nº 02, Brasília, may/aug. Recuperado em 10 outubro 2009, de <http://www.scielo.org>.

MINAYO, M.C.S. & SANCHES, O. (1993). *Quantitativo – Qualitativo: Oposição ou Complementaridade*. *Cad. Saúde Pública Rio de Janeiro*, 9 (3): pp. 239-248, jul/sep. Recuperado em 13 setembro 2009, de <http://www.scribd.com/pdf>.

SILVA, R.C. *A Falsa Dicotomia Qualitativo-Quantitativo: Paradigmas que Informam nossas Práticas de Pesquisa*. In: BIASOLI-ALVES, Z.M.M. & ROMANELLI, G. (Orgs) (1998). *Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, pp.159-174.